

Alteridade e a Pandemia

Cláudio de Oliveira Ribeiro¹

Introdução

A pandemia causada pelo coronavírus impactou o mundo todo e trouxe as mais diversas consequências afetando dramaticamente o âmbito da saúde pública com um número enorme de mortes e de internações hospitalares, como também a economia devido às medidas de isolamento social, e a sociedade como um todo devido aos impactos emocionais e sociais no enfrentamento da doença.

As inquietações e receios em torno da pandemia suscitaram as mais diversas reações ao redor do mundo. Entre elas, destaca-se o reforço de diferentes formas de espiritualidades, religiosas ou não, para o enfrentamento das questões relativas à morte, à fragilidade física e emocional e ao isolamento social. Da mesma forma, em especial devido ao isolamento social e às implicações econômicas decorrentes da pandemia, diferentes aspectos da convivência humana impactaram as relações sociais, coletivas e interpessoais, com resultados os mais diversos, ora evidenciando e acentuando as dificuldades de relacionamento humano, ora favorecendo as reflexões sobre novas possibilidades de compreensão e organização da vida.

Entre os vários aspectos negativos da situação tão difícil e dramática gerada pela pandemia, há aqueles que revelam possibilidades para a reorganização da sociedade, tanto em termos das vivências pessoais no cotidiano, quanto na estrutura social. Boaventura de Souza Santos (2020) chamou estas possibilidades de “A cruel pedagogia do vírus”, título de seu mais recente livro.

A pandemia revelou que o sistema econômico no qual a sociedade está estruturada, mesmo com as variações entre os países e continentes, não atende às demandas da dignidade humana e dos direitos básicos das pessoas (DOWBOR, 2020). A situação no Brasil mostrou que os riscos e os maiores problemas se concentram nos setores mais pobres da sociedade, e a realidade das populações carcerárias, de áreas favelizadas e de moradores de rua é dramática.

¹ Doutor em Teologia pela Puc-Rio e professor-visitante do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Ecos da pandemia nas vivências religiosas

Em todo esse contexto que tem marcado a pandemia, muitos temas e argumentos religiosos se destacaram nas conversas e debates, seja pelo clima de obscurantismo estimulado por alguns grupos, seja pela busca de compreensões mais amplas e bem fundamentadas de um fenômeno que é social.

Tanto as formas mais espontâneas de espiritualidade, quanto as expressões religiosas mais tradicionais ou institucionalizadas estão presentes no debate acerca da pandemia e do isolamento social. Ambas têm marcado a vida de muitas pessoas e grupos e têm estado presentes, de diferentes maneiras, em cada situação enfrentada.

As formas de expressão dessas espiritualidades são muito diferenciadas. Um primeiro conjunto delas, embora com variações, é articulado por elementos ideológicos. Uma de suas expressões se caracteriza, seguindo visões emergentes na sociedade no campo político, pela negação da dramaticidade da pandemia. Outra expressão atribui a disseminação da doença à ira e ao castigo de Deus pelos pecados humanos, especialmente os associados à liberdade sexual e ao uso do humor ou relativização dos valores religiosos tradicionais.² Outra expressão, também relacionada às ideologias obscurantistas, atribui a pandemia à supostos interesses comunistas para afrontar a fé cristã. Neste sentido, é preciso analisar a constante necessidade de se apontar inimigos, reais ou imaginários, que supostamente ameaçam a fé, algo sempre presente nas interpretações religiosas de caráter mais fundamentalista.

Um segundo conjunto destaca, no contexto da pandemia, o elemento religioso em contraposição ao científico. Em linhas gerais, tais leituras religiosas...

... ainda persistem paralelas às ciências, quando não ocupando o lugar delas. Não tem faltado leituras semelhantes àquelas do século XIV [quando a “peste negra” matou mais de dois terços da população da Europa], que colocam como causa do vírus Deus ou o diabo e, por conseguinte, oferecem rituais de solução: cultos, unção com óleo, novenas, correntes de oração, crucifixo na porta, água benta aspergida na rua, procissão com o Santíssimo Sacramento (PASSOS, 2020, p. 17-18).

² Fábio Stern, em “As interpretações religiosas para o novo vírus” (2020), faz uma descrição detalhada dos motivos apresentados por diferentes grupos religiosos para a “punição divina” que a pandemia representaria. Entre eles estão o filme “A Primeira Tentação de Cristo” do conhecido grupo Porta dos Fundos e a aceitação e afirmação das pessoas homoafetivas na sociedade.

Maria Clara Bingemer, ao analisar teologicamente o contexto da pandemia, em especial a relação entre fé e ciência, mostra que há formas religiosas que tentam travar o trabalho científico...

... muitas delas, invocando o nome de Deus. Contestam-se os dados fornecidos pela ciência, contradizem-se informações precisas e objetivas e se dão orientações conflitantes à população. Afirma-se que Deus salvará a todos do vírus, que aquilo que os cientistas dizem é exagero, que o melhor a fazer é orar, porque Deus nos salvará do vírus (BINGEMER, 2020, p. 203-204).

Há um terceiro conjunto de abordagens e formas de espiritualidade de caráter mais intimista que destaca a importância da vida devocional, das orações e da meditação como caminho de equilíbrio interior, considerando que os tempos atuais são de incertezas e inseguranças. Elas não são necessariamente anticientíficas, mas não possuem a abrangência crítica que o momento e as circunstâncias da pandemia exigem. As mídias seculares divulgaram intensamente essas expressões de espiritualidade. Estas abordagens religiosas são marcadas pela busca de superação (ou em alguns casos, fuga) dos próprios limites e angústias e nem sempre destacam as dimensões religiosas mais críticas para o enfrentamento das situações de crise. Neste sentido, é preciso estar atentos aos limites das espiritualidades fortemente intimistas.

Há um quarto conjunto de expressões de espiritualidade cujas interpretações de fé são mais consistentes e também estão presentes em diferentes grupos nas igrejas cristãs e em diferentes religiões. Elas estão conectadas com os aspectos sociopolíticos evidenciados nesta crise social revelada pela pandemia e ancoradas nos princípios da solidariedade, da comunhão e da responsabilidade com os destinos da vida e do mundo. João Décio Passos chamou a atenção para o fato de que ...

... a pergunta e a resposta religiosa terão que ser coerentes e éticas; coerentes com os princípios de realidade oferecidos pelas ciências e éticas por colocar a vida como valor anterior a qualquer outro. O que fugir desse parâmetro contribuirá com o reforço da ingenuidade e do fanatismo. A leitura econômica atravessou todas as outras, como chave fundamental de solução e, muitas vezes, como critério principal para decidir sobre as estratégias de contenção do contágio. E não faltou quem tenha afirmado de modo explícito

ou disfarçado que a salvação da economia era mais importante do que a preservação das vidas (PASSOS, 2020, p. 18).

Em visão similar, Maria Clara Bingemer realça que falar de Deus neste contexto da pandemia gerada pelo coronavírus...

... implica dialogar com a ciência e deixar-lhe plena autonomia no campo e competência que lhe são próprios. Isso requer não misturar epistemologias nem tratar o que diz respeito ao campo biológico com instrumentos falsamente espirituais, que matam em vez de curar e alimentam políticas genocidas capazes de empurrar as pessoas para o contágio e, provavelmente, para a morte (BINGEMER, 2020, p. 205).

Magali Cunha, ao analisar as causas da pandemia, refuta as interpretações religiosas sobrenaturalistas para evidenciar a importância da fé articulada com a consciência social e humana:

... a nossa atual sociedade de mercado está baseada na necessidade capitalista de um crescimento do lucro sem fim. É esta lógica que leva empresas e empreendedores a se confrontarem com a vida selvagem na busca do lucro, forçando animais a entrarem no habitat remanescente em declínio ou no próprio mercado. E é exatamente este contato próximo e repetido que permite que os micróbios que vivem nos corpos dos animais atravessem para o nosso próprio habitat. Quando isso acontece, esses micróbios podem se transformar em patógenos (organismos causadores de doenças) humanos mortais (...).

O que estamos vivendo não é, portanto, uma obra sobrenatural de Satanás ou castigo de Deus, como alguns religiosos querem fazer crer, mas uma ação maligna (por que não satânica?) dos nossos iguais que promovem domínio em vez de cuidado, exploração em vez de preservação. Por isso, este precisa ser um tempo de oportunidade, de redenção e esperança, como escreve o apóstolo Paulo.

Oportunidade de se pensar um mundo ecológico e justo organizado em torno do cuidado, não centrado nos humanos, mas que busque a harmonia de todos os seres que habitam a mesma Terra, Casa Comum. Oportunidade de se retomar a dimensão da coletividade e do cuidado de uns com os outros, superando-se o individualismo e o egoísmo de uma sociedade centrada na competição e no lucro (CUNHA, 2020).

Portanto, neste último conjunto de visões, a espiritualidade aparece associada à valorização da vida humana em todas as suas esferas e dimensões. Embora nem sempre de natureza conceitual, trata-se de uma associação entre fé e amor que busca pela superação

da alienação em relação ao outro e realça dimensões humanizadoras em diversos níveis.

Tais perspectivas estão ligadas diretamente à noção de alteridade e à existencialidade. Ivone Gebara ressaltou que pensar sobre...

... Religião em tempos de Covid-19 é sentir e saber que o mesmo vírus nos habita de muitas formas, a mesma mortalidade nos espreita, a mesma fome e a mesma sede habitam nossos corpos, a mesma falta de ar nos desfalece e que é preciso abrir as mãos para que os corações se abram e deixem o Covid desaparecer. Talvez assim ele tenha cumprido sua missão, a missão de nos lembrar o que havíamos esquecido, a de 'ser irmanados/as' pela mesma vida e pela mesma morte. Não se foge a essa condição esse é o segredo escondido em nós, gravado em todas as células de nosso ser, tatuagem perene e ao mesmo tempo provisória (GEBARA, 2020).

Nesta direção, a pressuposição é que há relações antropológicas consideradas fundamentais para que se possa afirmar a vida e a humanidade. Ou seja, para alcançá-la o ser humano deveria ter a condição e a capacidade mínima de estabelecer, pelo menos, quatro relações fundamentais. Em geral, a antropologia concebe que o ser humano se constitui como tal na medida em que estabelece as relações fundamentais com o "outro", o ser humano que nos é diferente (e aí são encontradas as intersubjetividades eu-tu, homem-mulher, homo, hétero, etc.) ou em linguagem religiosa o 'próximo', a relação subjetiva do ser humano consigo mesmo e com o corpo e a relação com o cosmo (história, sociedade e meio ambiente). As teologias indicam que há uma quarta relação que deve ser lembrada que é a relação humano-divino, primeira e última, que fundamenta e abrange todas as outras.

Alteridade e a pandemia.

As relações acima descritas podem representar, em linguagem metafórica, pelo menos quatro encontros que precisam ser vislumbrados na busca de uma espiritualidade autêntica, saudável e promotora da vontade sagrada e divina no mundo. Todas elas foram diretamente afetadas nos processos sociais que emergiram do contexto da pandemia causada pela Covid-19.

O encontro com o outro no contexto da pandemia

O primeiro encontro é o do ser humano com o outro que lhe é diferente. Ele desafia as práticas e as reflexões sobre a alteridade como abertura fundamental para o outro, mas que considere efetivamente os diferenciais de poder que marcam as relações sociais e políticas. A noção de alteridade, com forte sintonia com os estudos antropológicos incluindo os desafios da prática da comunhão, das consequências concretas do amor divino para a vida humana, para a história e para os destinos da natureza e de toda a criação, é fundamental no tocante à espiritualidade. A experiência comunitária e relacional própria das distintas tradições religiosas, uma vez percebida e assumida como valor, possibilita relacionamentos igualitários nas comunidades e em demais agrupamentos humanos, o que gera uma ambientação favorável em todas as suas dimensões.

No entanto, o isolamento social decorrente do processo da pandemia manteve boa parte das pessoas em suas casas. Isso trouxe variadas consequências. Para as famílias que possuem moradias minúsculas, a convivência se tornou tensa, com maior número de violência doméstica e conflitos (DINIZ; CARINO, 2020). As atividades profissionais desenvolvidas em casa pela Internet pelas pessoas reforçaram a precarização das relações de trabalho, aumentaram o volume de tarefas e subverteram a noção do lar como espaço de aconchego e descanso (POCHMANN, 2020).

Por outro lado, houve neste mesmo processo uma movimentação social muito significativa com iniciativas e campanhas de solidariedade que envolveram amplos setores sociais, profissionais de saúde e grupos de defesa dos direitos humanos e da cidadania. Entre as diversas experiências, há campanhas comunitárias que articulam a assistência social necessária para as famílias pobres com a firme defesa dos direitos humanos e da cidadania. Uma parcela das pessoas, devido ao isolamento social, se sentiu sensibilizada em relação à valorização das relações humanas, da amizade e de visões mais humanizantes e à necessidade de se dar maior atenção aos filhos.

O encontro consigo mesmo

O segundo encontro é o do ser humano consigo mesmo. Aí se dão as experiências religiosas e espirituais marcadas pela pluralidade

e pela revisão de vida, pelo reconhecimento da fragilidade humana em suas diversas formas, assim como suas potencialidades pela expressão positiva e humanizadora da dimensão corpórea e da sexualidade, assim como as realidades históricas e cósmica que cercam o humano.

As questões concernentes à subjetividade humana, mesmo com os avanços das ciências antropológicas e da psicanálise, ainda se encontram desprovidas de valor em boa parte dos círculos religiosos. Avolumam-se em nossa sociedade as mais diversas crises existenciais, e com elas crescem a precariedade da saúde mental e emocional das pessoas, o número de suicídios, de gestos de violência física, verbal ou simbólica. Também no cotidiano, por vezes são comuns atitudes escapistas, individualistas e de não enfrentamento da limitação humana que podem ser sinais de que parte considerável das pessoas não esteja conseguindo estabelecer madura e adequadamente uma relação com a própria interioridade.

Todo esse quadro se tornou mais agudo no contexto da pandemia. O número expressivo de mortes causou forte inquietação e insegurança para a maioria das pessoas em relação ao futuro da vida, tanto em termos pessoais quanto planetário.

Ao enfrentar o coronavírus e toda a sua força destrutiva, compreendemos que o humano, de forma solidária, está conhecendo-se melhor, sabendo quem defende a vida e quem é perverso e mesquinho. O vírus está se tornando um divisor de águas e possibilitando aos cientistas, religiosos e pessoas de tantos povos e culturas estar cada qual mais atento de si e mais interconectado com os demais. Há mais clareza da condição humana e da razão de vivermos neste planeta, neste pálido ponto azul do Universo, como descreveu Carl Sagan (ALTEMEYER JR, 2020, p. 224).

Em direção similar, Alzirinha Souza destaca a dimensão da esperança. A autora afirma que

... estarmos TODOS envolvidos no mesmo risco, nos suscitará o olhar para fora de nós mesmos, lembrando-nos de que, sem um trabalho conjunto, não será possível a sobrevivência. Talvez daqui a alguns anos consigamos afirmar que, apesar de todos os transtornos e adaptações a que todos estamos submetidos no momento, foi a obrigação de literalmente pararmos que nos deu a possibilidade de sentirmos falta do que efetivamente somos, das relações que temos, da volta aos núcleos familiares e da retomada do exercício da solidariedade (SOUZA, 2020, p. 126).

Ivone Gebara (2020) afirma que a situação pandêmica provocada pelo vírus planetário escancarou a frustração humana ao constatar que aquilo “que se desconhece, é muito mais do que o que se conhece”. Por isso, embora cada pessoa busque resposta em suas crenças pessoais, sejam elas sociais, políticas ou religiosas, o sentimento de impotência e desconhecimento da própria vida e dos rumos futuros da história é generalizado. É como se todos estivéssemos em uma espécie de “tribunal da vida”.

O encontro com a natureza e com a história

Em terceiro, ressalta-se nas reflexões sobre alteridade o encontro do ser humano com a natureza e com a história. Esse encontro possibilita questionar as formas de individualismo, de desprezo da cosmologia e das visões holísticas, o esvaziamento espiritual e de sentido das questões que envolvem a vida e as formas utilitaristas de conhecimento técnico-científico. Em contraposição a estes reducionismos, destaca-se uma ecoespiritualidade que realce relações de interdependência e de cooperação vital, propostas de respeito à integridade humana, à formação pessoal e à totalidade dos processos vitais e a valorização do corpo como fonte de prazer.

A espiritualidade que surge e que se compromete com a criação e a recriação da vida vai além da dimensão pessoal para alcançar uma perspectiva cósmica. As causas da pandemia, por exemplo, têm sido analisadas por várias pessoas de diferentes setores do conhecimento. Tais análises não estão dentro do nosso objetivo neste pequeno texto, mas são muito importantes para as diferentes análises. Nesta direção estão as reflexões científicas sintetizadas por Leonardo Boff em variadas obras. O autor afirma que

a pandemia do coronavírus nos revela que o modo como habitamos a Casa Comum é nocivo à sua natureza. A lição que nos transmite soa: é imperioso reformatar a nossa forma de viver sobre ela, enquanto planeta vivo. Ela está nos alertando que assim como estamos nos comportando não podemos continuar. Caso contrário, a própria Terra irá se livrar de nós, seres excessivamente agressivos e maléficos ao sistema-vida. (BOFF, 2020a).

As reflexões sobre espiritualidade têm realçado as consequências da pandemia, embora se reconheça que uma visão aprofundada sobre as causas seja de grande importância para a sensibilização na direção de outras formas de espiritualidade que

reforcem a sustentabilidade da vida e do mundo e que indiquem a necessária crítica ao sistema econômico atual e a forma excludente como a sociedade está organizada. Todas essas dimensões estão relacionadas à espiritualidade e à alteridade. Não é desprezível o fato de que houve no período inicial do isolamento social (nos meses de março a julho de 2020) sinais de diminuição da poluição nas grandes cidades e a redução do consumo desenfreado. A expressão utilizada por Leonardo Boff (2020b) no título de um de seus artigos é exemplar desta realidade: “Voltar à normalidade é se autocondenar”.

O encontro humano-divino em sua multiformidade.

Por fim, a experiência do encontro humano-divino. Ela tem como valor a dimensão mística, de alteridade e de corresponsabilidade com o destino do mundo, e isso possui incidência concreta nos processos religiosos e sociais, favorecendo perspectivas utópicas, democráticas e doadoras de sentido.

A vivência atual, bastante distinta das gerações passadas, tem sido estabelecida nos entrelugares interativos que por um lado são marcados por formas de ateísmo, de descrença e de indiferença religiosa, e por outro pelo fortalecimento e reavivamento de várias experiências religiosas, novas e tradicionais. Todas estas visões têm sido interpeladas pelos processos gerados pela pandemia, em especial os marcadamente dolorosos e sofridos. Maria Clara Bingemer, revisitando várias teodicéias e visões teológicas modernas que tiveram que lidar com os horrores do mal, das guerras e do sofrimento, ressalta que ...

... Deus não se cala diante da dor e do sofrimento humano. Pelo contrário, encarna-se e entra nessa dor e nesse sofrimento, assumindo a vulnerabilidade de sua criatura. Sofre ele mesmo na carne e na dor das vítimas, abraçando seu sofrimento por dentro; e daí se revela como amor. Diante do grito da vítima inocente que sofre, ou Deus abraça esse sofrimento por dentro, ou não pode ser adorado e invocado pela humanidade em meio a sua dor (BINGEMER, 2020, p. 208).

Espiritualidade, portanto, está relacionada ao profundo respeito por todos os seres criados e a preservação da vida. Trata-se de aprender a acolher a interdependência vital que caracteriza o universo e nos faz viver. Ivone Gebara chama a atenção para o fato de que...

... a dor comum parece acordar a solidariedade comum, sobretudo porque ninguém está ao abrigo das dores pandêmicas. Por mais que alguns sejam mais protegidos que outros a situação atual revela a vulnerabilidade de todos. E talvez nessa situação algo para além de uma religião determinada precisaria ser reforçado e desenvolvido. Seria como a constituição de uma irmandade para além dos credos religiosos, um pacto, uma aliança entre nós para além de nossos deuses e deusas, para além dos locais de culto de uns e outros, para além dos velhos credos (GEBARA, 2020).

Considerações finais: “o que será o amanhã?”

A pandemia causada pelo coronavírus trouxe consequências diversas ao mundo e às diferentes dinâmicas da vida. Estes impactos geraram crises, não somente no âmbito da saúde pública e na esfera econômica, mas também nos mais diversos aspectos subjetivos, interpessoais e sociais. O medo de ter que lidar com a morte é que traz ao ser humano, em primeira instância, aquilo que a interpretação existencial da condição humana chama de angústia. A fragilidade física e emocional do ser humano nunca esteve tão explícita e desnudada, pelo menos, não em tempos recentes. Ao mesmo tempo, diversas formas de solidariedade humana e de criatividade emergiram deste quadro.

Todos esses aspectos, complexos e desafiadores, mostram caminhos significativos para a vida e para a vivência espiritual. Como visto, a diversidade das respostas religiosas ao quadro da pandemia não foi e nem tem sido pequena e abarcou, desde a presença de formas religiosas obscurantistas, negacionistas e ideológicas até outras que se caracterizam pelo diálogo com as ciências, pela sensibilidade humana frente ao sofrimento e pela maturidade na busca de posturas que ressaltem a responsabilidade social diante dos nefastos efeitos desta situação.

A pandemia evidenciou as crises e as injustiças do sistema econômico no qual a sociedade está estruturada e o desgaste dos processos vitais e da natureza ocasionado pelas ações humanas destrutivas e firmadas no lucro. Neste sentido, a espiritualidade marcada pela alteridade se demonstra como canal e expressão da vida humana na busca pela superação de limites e pelo fruir das alegrias, do bem-estar e da felicidade.

As reflexões destacaram também o caráter de alteridade necessário às formas de espiritualidade que pretendem se

desenvolver de maneira autêntica e profunda e que estabelecem ou reforçam paradigmas dialógicos e plurais. A alteridade se apresenta como caminho para o relacionamento não somente entre os seres humanos, mas também entre diferentes realidades e grupos, religiosos ou não, assim como a dimensão corpórea, histórica e cósmica que permeia o humano. A relação entre espiritualidade e alteridade se evidencia não somente como contribuição, ainda que modesta, para as tentativas de respostas para a atual crise mundial, mas também para a reconstrução do mundo e da sociedade no mundo pós-pandemia que necessitará, decisivamente, buscar novos caminhos de valorização da vida humana e de sua dignidade. Quais são esses caminhos? Como eles podem ser trilhados? Estas e outras perguntas são necessárias e desafiadoras no contexto atual.

Referências

ALTEMEYER JR., Fernando. “O silêncio de Deus no grito das vítimas” (p. 213-229). In.: PASSOS, João Décio (org.). *A pandemia do coronavírus: Onde estivemos? Para onde vamos?* São Paulo: Paulinas, 2020.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. “Deus em meio a pandemia” (p. 197-221). In.: PASSOS, João Décio (org.). *A pandemia do coronavírus: Onde estivemos? Para onde vamos?* São Paulo: Paulinas, 2020.

BOFF, Leonardo. *A terra se defende*. São Leopoldo: IHU, 2020a. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-aoticias/597421-a-terra-se-defende-artigo-de-leonardo-boff>>. Acesso em 28/8/2020.

BOFF, Leonardo. *Volta à normalidade é autocondenar-se*. Brasil de Fato, 2020b. Disponível em: <<https://www.brasildefatorj.com.br/2020/05/04/artigo-voltar-a-normalidade-e-auto-condenar-se-por-leonardo-boff>>. Acesso em: 28 de agosto de 2020.

CUNHA, Magali do Nascimento. “Nem ‘obra de Satanás’ nem ‘castigo de Deus’: a pandemia é oportunidade”. *Carta Capital*, 18/03/2020. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/blogs/nem-obra-de-satanas-nem-castigo-de-deus-a-pandemia-e-oportunidade/> Acesso em 28 de agosto de 2020.

DINIZ, Débora; CARINO, Giselle. *Patroas, empregadas e coronavírus*. Disponível em: <<https://agenciapatriciagalvao.org.br/mulheres-de-olho/trabalho/patroas-empregadas-e-coronavirus-por-debora-diniz-e-giselle-carino/>>. Acesso em 28 de agosto de 2020.

DOWBOR, Ladislau. “Além da pandemia: uma convergência de crises” (p. 25-47). In.: PASSOS, João Décio (org.). *A pandemia do*

coronavírus: Onde estivemos? Para onde vamos? São Paulo: Paulinas, 2020.

GEBARA, Ivone. *Religião e pandemia Covid 19*. São Leopoldo: IHU, 2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/600224-religiao-e-a-pandemia-covid-19-artigo-de-ivone-gebara>>. Acesso em 28 de agosto de 2020.

PASSOS, João Décio (org.). *A pandemia do coronavírus: Onde estivemos? Para onde vamos?* São Paulo: Paulinas, 2020.

POCHMANN, Marcio. “O trabalho sob o impacto da Covid-19” (p. 49-61). In.: PASSOS, João Décio (org.). *A pandemia do coronavírus: Onde estivemos? Para onde vamos?* São Paulo: Paulinas, 2020.

SANTOS, Boaventura de Souza. *A cruel pedagogia do vírus*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.

SOUZA, Alzirinha. “As novas formas de presença em tempos de pandemia” (p. 113-129). In.: PASSOS, João Décio (org.). *A pandemia do coronavírus: Onde estivemos? Para onde vamos?* São Paulo: Paulinas, 2020.

STERN, Fábio L. “As interpretações religiosas para o novo vírus” (p. 151-167). In.: PASSOS, João Décio (org.). *A pandemia do coronavírus: Onde estivemos? Para onde vamos?* São Paulo: Paulinas, 2020.